

ETNOPESQUISA CRÍTICA: CAMINHO (MÉTODO) EPISTEMOLÓGICO E METODOLÓGICO PARA SE FAZER UMA PESQUISA QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO

Maria Reginalda Soares da Silva¹

Carmen Lúcia de Oliveira Cabral²

RESUMO

Este artigo é um estudo bibliográfico com o objetivo de compreender a etnopesquisa crítica como caminho (método) epistemológico e metodológico de se fazer pesquisa. Uma pesquisa de natureza qualitativa de inspiração etnometodológica e tradição etnográfica. Neste estudo, o itinerário investigativo apresentou-se como uma maneira intercristica de fazer pesquisa na área da educação a partir das descrições e da interpretação dialógica e dialética dos atores/autores como reveladores das concepções epistemológicas da prática docente e dos modelos de reflexividade presentes, resultantes dos etnométodos que utilizam para descrever, informar, confrontar e des(re)construir a prática pedagógica (prática social).

Palavras-chave: Etnopesquisa crítica. Etnometodologia. Etnografia. Pesquisa qualitativa.

Tecendo considerações sobre o itinerário do estudo

O desenvolvimento de uma etnopesquisa exige do etno/pesquisador o delineamento de um caminho que o leve a descrever, interpretar e compreender o outro, o fazer do e com o outro. Uma via em que o ator social e suas ações cotidianas pudessem ser analisados e se tornassem parte fundamental de uma investigação. Uma investigação em que esses atores sociais fossem os professores formadores do NTHE e que suas práticas pedagógicas com uso das Tecnologias da Informação e Comunicação – TIC pudessem ser convertidas em objeto de estudo específico. E durante esse processo, houvesse uma compreensão dos saberes e da reflexividade que permeiam sua prática pedagógica, focando o modo como esses profissionais os percebem, explicam e descrevem, bem como eles constroem e compreendem seu fazer docente nessa perspectiva.

¹Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal do Piauí. Atualmente é professora formadora do Núcleo de Tecnologia Educacional do Município de Teresina – NTHE e NTE/Teresina Professora Conceição Oliveira. E-mail: mreginalda@yahoo.com.br.

²Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2003). Atualmente é professora adjunta 4 da Universidade Federal do Piauí. Tem experiência na área de Ciências Humanas/Educação, atuando principalmente nos seguintes sub-áreas: Formação Docente (Pedagogia e Licenciaturas) e Ensino de Filosofia. Vem desenvolvendo pesquisa nos temas: trabalho docente, produção de saberes, prática pedagógica e a relação entre Pedagogia e Filosofia. E-mail: carmensafira@bol.com.br.

Embora não conhecêssemos de fato o caminho em profundidade, ele foi sendo construído durante o processo investigativo, numa tomada de decisão consciente que levasse ao rigor e a cientificidade. Desse ponto de vista, o estado de inquietação instituído a partir dos questionamentos: quais os pressupostos epistemológicos e metodológicos de uma etnopesquisa crítica? que caminhos percorrer? encaminhou-nos em uma itinerância investigativa que nos levou a compreender a etnopesquisa crítica como caminho (método) de se fazer uma pesquisa qualitativa.

Essas inquietações e interrogações sobre o método nos levaram a realizar um estudo bibliográfico, o qual nos possibilitou explicitarmos a etnopesquisa crítica como linha de investigação de inspiração etnometodológica e tradição etnográfica, bem como descrevermos os dispositivos de coleta, os procedimentos de análise e interpretação de dados tendo em vista as ações práticas dos professores formadores em foco.

A etnopesquisa crítica como linha de investigação

Pensando dessa forma, o itinerário investigativo apresentou-se como uma maneira intercítica de fazer pesquisa na área da educação, um caminhar ao encontro de outros e com outros em busca do ponto de vista do outro para interpretar suas realizações. Aquilo que Macedo (2000, 2006) chama de etnopesquisa, uma etnopesquisa crítica que nasceu da inspiração e da tradição etnográfica, tendo a etnometodologia como sua inspiração teórica fundante.

A etnopesquisa crítica direciona seu interesse para compreender as ordens socioculturais em organização, constituída por sujeitos intersubjetivamente edificados e edificantes, preocupando-se com os processos que constituem o ser humano em sociedade e em cultura³. Sujeitos co-construtores de conhecimentos, de diferenças e de processos identitários, percebidos como estruturantes em meios às estruturas que reflexivamente os configuram. Segundo Macedo (2000, p. 58) para “o etnopesquisador crítico dos meios educacionais, o outro é condição irremediável para a construção de conhecimentos nos âmbitos das práticas educativas”. As formas de construção de conhecimentos originadas da vida cotidiano escolar são significativas para pensar e

³Segundo Macedo (2006, p. 25), a cultura “[...] é o conjunto de interpretações que as pessoas compartilham e que, ao mesmo tempo, fornece os meios e as condições para que essas interpretações aconteçam”.

repensar a prática pedagógica e é através dela que se concretiza a práxis educacional, onde se constituem ações instituídas e instituintes do fazer da educação.

Nesse sentido, uma etnopesquisa crítica é uma pesquisa de natureza qualitativa, visando compreender e explicitar a realidade humana tal qual como é vivida pelos atores sociais em todas as perspectivas possíveis. Uma pesquisa qualitativa conforme Bogdan e Biklen (1994) e Macedo (2006) em que a fonte de dados torna-se o próprio ambiente de formação de professores nos cursos de tecnologia na educação em que os dados foram coletados no ambiente natural no contato direto do investigador com o contexto. Os pesquisadores ao estudar a realidade vão ao campo ver para compreender de forma situada, contextualizada o fenômeno pesquisado.

Nesse processo, a investigação é descritiva, uma vez que as informações são trabalhadas a partir de dados obtidos em depoimentos, observações em campo, registros em imagens, vídeos, documentos como leis, manuais, relatórios e outros. Ou seja, que se utiliza da descrição para compreender, supondo uma situação de presença, na qual o ator social é percebido como estruturante.

Além disso, o foco da investigação incidiu mais no processo desenvolvido do que em seus resultados ou produtos. Assim, os etnopesquisadores procuram compreender o instituinte em vez do instituído, em que os dados são analisados de forma indutiva, no sentido de evidenciar os sentidos e os significados que os sujeitos atribuíram às suas práticas, procurando o ponto de vista do outro para indagá-los sobre o que pensa, sente, analisa e julga.

Sob essa perspectiva, reafirmamos sob esse enfoque um caminhar com a pesquisa qualitativa em etnopesquisa crítica enquanto linha de investigação que tem na etnometodologia a abordagem teórica do social e na etnografia o método. Uma etnopesquisa de inspiração etnometodológica em que a voz do ator social está o tempo todo sendo evidenciada no discurso. Nesta perspectiva, segundo Macedo (2006), a etnometodologia para a etnopesquisa é uma orientação teórica fundante. Uma teoria do social que surgiu como uma corrente da sociologia americana nos anos 60 nos Estados Unidos e, posteriormente, difunde-se na Europa, particularmente universidades inglesas e alemãs. A obra de Harold Garfinkel, *Stuties in Ethnomethodolgy (Estudos Sobre Etnometodologia)*, é considerada como o marco inicial desta corrente.

A etnometodologia se fundamenta no estudo do raciocínio prático do cotidiano, buscando evidências para reconstruir uma explicação da realidade observada. Na concepção de Coulon (1995b. p. 15), “trata-se da análise das maneiras habituais de

proceder mobilizadas pelos atores sociais comuns a fim de realizar suas ações habituais”. Assim, o objetivo da etnometodologia é a busca empírica dos métodos que constitui o conjunto dos etnométodos que os indivíduos utilizam para comunicar-se, tomar decisões, raciocinar, isto é, o conjunto de procedimentos que são usados para produzir e reconhecer o seu mundo de forma que se saiba como eles constroem as suas atividades no cotidiano.

Essa teoria se institui sobre o reconhecimento da capacidade reflexiva e interpretativa própria de todo ator social que se constitui através da linguagem. Esta por sua vez fornece a chave para o entendimento dos sentidos das ações que as pessoas desenvolvem nas suas práticas cotidianas. As expressões que os atores sociais empregam nos seus atos interacionais estão carregadas de indicialidade, que somente ganham significado a partir do conhecimento do contexto local onde as palavras são produzidas. Nesse contexto, a indicialidade refere-se às expressões que possuem um significado distinto em toda situação particular na qual é usada e tem o seu sentido no próprio contexto e é sempre local.

Os atores sociais, ao desenvolverem e produzirem suas atividades cotidianas, descrevem e constituem o quadro social no qual estão inseridos. A isso se denomina reflexividade em que descrever uma situação é constituí-la, pressupondo uma identidade entre as atividades produzidas e administradas pelos membros e os procedimentos usados para torná-los descritíveis (*accountable*). Essa característica permite aos atores sociais comunicarem e tornarem as atividades práticas compartilháveis, relatáveis. A relatibilidade (*accountability*) diz respeito às descrições que eles fazem de seus processos reflexivos, mostrando a constituição da realidade que produziram ou experienciaram.

No discurso etnometodológico membro corresponde ao ator social que se filia a um grupo, a uma instituição que passa a exigir dele um progressivo domínio da linguagem institucional comum. De acordo com Coulon (1995a, p. 48) ele é “uma pessoa dotada de um conjunto de modos de agir, de métodos, de atividades, de *savoir-faire*, que a faz capaz de dar sentido ao mundo que a cerca”. Um indivíduo que ao incorporar os modos ou procedimentos de um grupo social, domina a linguagem daquele grupo, permitindo-lhe fazer-se aceitar reconhecer e aceitar.

Para compreender as ações práticas, o raciocínio sociológico prático como temas de estudos empíricos das práticas dos formadores do NTHE realizamos uma descrição etnográfica (escrita da cultura). Segundo André (2008, p. 29), a Etnografia

significa “a descrição da cultura (práticas, hábitos, crenças, valores, linguagens, significados de um grupo social” e tem por objetivo a “descoberta dos conceitos, novas relações, novas formas de entendimento da realidade” (1995, p. 30). Assim, fizemos uso de técnicas como observação direta, entrevista intensiva e a análise de documentos.

Nesse sentido, entramos em contato direto com a situação pesquisada, o que nos permitiu (re) constituir os processos e as relações que se configuram cotidianamente. De outro modo, um desvelar dos encontros e desencontros que permeiam o cotidiano da prática escolar, um descrever das ações dos seus atores sociais e reconstruir sua linguagem, suas formas de comunicação e os significados que são criados e recriados no fazer pedagógico. Esse tipo de investigação nos permitiu entender como os mecanismos de dominação e de resistência, de opressão e de contestação operam no dia-a-dia, ao mesmo tempo em que são veiculados e reelaborados conhecimentos, atitudes, valores, crenças, modos de ver e de sentir a realidade e o mundo.

Nesse contexto, a etnografia apresentou-nos como um recurso metodológico básico da etnopesquisa crítica de inspiração etnometodológica, evidenciado pela etnografia semiológica ao adotarmos procedimentos descritivos científicos dos processos concretos que ocorrem no cotidiano das instituições sociais, das observações e anotações dos acontecimentos que experimentam, dos objetos que cercam os atores sociais. Foi evidenciado também pela etnografia constitutiva, pois os estudos constitutivos funcionam em cima das hipóteses interacionistas segundo a qual as estruturas sociais são construções sociais, representando o estudo das atividades estruturantes que constroem os fatos da educação. Ela estabelece um elo entre os níveis micro e macro, mostrando como se constrói uma estrutura e considera as interações que servem para a construção de modelos descritos.

O enfoque etnográfico constitutivo foi caracterizado pelos princípios da disponibilidade dos dados consultáveis, da exaustividade do tratamento dos dados, da convergência entre os pesquisadores e os participantes sobre a visão dos acontecimentos e da análise interacional. Princípios esses que norteadores da pesquisa de campo que tem como indicação metodológica a observação de campo e a observação dos atores em situação. A partir da perspectiva semiológica focaliza-se conforme Zago, Carvalho e Vilela (2003, p. 123), uma sociologia das construções práticas, uma etnografia constitutiva cuja hipótese central “[...] é que as estruturas são construídas socialmente

na interação entre os professores e alunos, diretores e professores, incorporando, pois atividades estruturantes responsáveis pelos fatos sociais da educação”.

Neste caso, a prática de trabalho de campo dos etnopedagogos realiza-se a partir da observação das pessoas em seu contexto, descobrindo onde elas estão, permanecendo com elas em uma situação que permita a observação de suas ações que lhes são particulares, bem como descrevê-las de forma significativa. Os contextos, na visão de Macedo (2000, p. 66), “são constituídos e se constituem nos âmbitos das relações instituinte/instituído”. Eles são construídos por pessoas em interação que servem de ambiente uns para os outros, implicados pelas intersubjetividades dos atores sociais.

Dispositivos⁴ de coleta de dados

Diante disso, etno/pesquisadores, assumem uma postura de ator para perceberem o mundo a partir deste ponto de vista numa espécie de olhar qualitativo. Para Macedo (2000, p. 69), “é necessário conviver com o desejo, a curiosidade, a criatividade humanas; com suas utopias e esperanças; com a desordem e o conflito; com a precariedade e a pretensão; com as incertezas e os imprevistos”. Para captarmos essas dimensões, utilizamos diversos dispositivos ou técnicas de coleta de dados desde observações, entrevistas, notas de campo, documentos, registros em vídeos, fotografias, as quais foram utilizadas nesta investigação.

Uma das bases fundamentais da etnopedagogia, a observação participante enquanto pertencimento original possibilita a apropriação e a vivência no mundo da “linguagem natural” dos formadores no seu contexto original. Esse procedimento torna-se elemento constitutivo do processo de conhecimento do objeto pesquisado.

Para André (2008, p. 45), “a metodologia de observação participante visa descrever os sistemas de significados culturais dos sujeitos estudados com base em sua ótica e seu universo referencial”. Sob a perspectiva da observação participante pode-se reconstruir ações e interações dos atores sociais segundo seus pontos de vista, suas categorias de pensamento, sua lógica. Nesse sentido, o observador participante,

⁴Adota-se a concepção de dispositivo de Ardoino (2003, p. 80) como “uma organização de meios materiais e/ou intelectuais, fazendo parte de uma estratégia de conhecimento de um objeto”

concordando com a visão de Lapassade (2005, p. 70), “vai se esforçar em adquirir um conhecimento do membro”.

Os dados obtidos podem ser registrados por escrito em um diário de campo/diário etnográfico por ser a forma mais utilizada nos estudos de observações e por ser um documento valioso de pesquisa útil para avaliar os resultados do estudo. O resultado dessas observações passa a constituir o conteúdo das observações. Segundo Bogdan e Biklen (2008, p. 152), ele consiste em dois tipos de materiais,

O primeiro é descritivo, em que a preocupação é a de captar uma imagem por palavras do local, pessoas, ações e conversas observadas. O outro é reflexivo – a parte que apreende mais o ponto de vista do observador, as suas idéias e preocupações.

A descrição e a reflexão são partes que se complementam. A parte descritiva foi a mais extensa, onde são registrados de forma objetiva os detalhes do que poderá ocorrer no campo, englobando retratos dos sujeitos, reconstruções do diálogo, descrição do espaço físico, relatos dos acontecimentos particulares e comportamento do observador. A reflexiva contempla as frases e parágrafos que refletem um relato que enfatizará sentimentos, problemas, idéias, palpites, impressões e preconceitos.

Nesse contexto, o vídeo apresenta como dispositivo mediador da prática pedagógica reflexiva em que a reflexão crítica passa a ser suporte para a análise da prática. Ibiapina e Araújo (2008) ressaltam que as reflexões propiciadas por meio do vídeo auxiliam no exercício de flexibilidade, na formação da consciência reflexiva, dotando os professores de autonomia, o que os possibilitam a fazer opções e defendê-las convincentemente.

Segundo Aguiar (2008, p. 51), a gravação em vídeo permite ao ator social/formador “contemplar-se sob diversos pontos de vista, olhar-se como os outros o olham e ver-se para compreender o que fez, por que fez e como fez” na condução do autoconhecimento e do desenvolvimento de níveis mais elaborados de consciência. Numa dada situação registrada tem-se a possibilidade de apreender as ações dos atores, o cenário e a trama que compõem a situação.

Outro dispositivo significativo para a etnopesquisa é a entrevista aberta, tratada como uma conversa intencional com o objetivo de obter informações sobre outras pessoas (BOGDAN; BIKLEN, 1994). Numa etnopesquisa a entrevista pode se apresentar como entrevista de inspiração etnográfica (MACEDO, 2000) que visa elaborar uma narrativa de vida (autobiografia) ou conhecer os acontecimentos e as

atividades que não são diretamente observáveis ou obter informações de um número significativo de pessoas num tempo relativamente breve. Na visão do autor (p. 165), ela é “um rico e pertinente recurso metodológico na apreensão de sentidos e significados e na compreensão das realidades humanas [...]”. Em uma investigação etnopesquisa crítica, a entrevista pode ser utilizada para apreender aspectos que possibilitem descrever os atores sociais, caracterizar suas práticas, evidenciar os sentidos/significados sobre suas ações cotidianas.

Além dos dispositivos citados, destacam-se os documentos, considerados como etnotextos. De acordo com André e Ludke (2005, p. 38) são considerados documentos “quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fonte de informação sobre comportamento humano” e possibilitem identificar informações factuais nos documentos a partir de questões ou hipóteses de interesse. Além disso, eles podem constituir-se como uma poderosa fonte de evidências que fundamentam afirmações e declarações do pesquisador. O que para Macedo (2000) constituem etnotextos “fixadores de experiência” que atestam a realidade cotidiana como registro objetivo do vivido.

Procedimentos de análise e interpretação dos dados

Após a coleta de dados, realizamos a análise do material. Para Lüdke e André (2005, p. 45), “analisar os dados qualitativos significa “trabalhar” todo o material obtido durante a pesquisa, ou seja, os relatos de observação, as transcrições das entrevistas, as análises de documentos e as demais informações disponíveis”. No estudo realizado, os dados qualitativos dizem respeito às práticas dos formadores desenvolvidas nos processos formativos com uso das TIC.

Para a compreensão intercrítica dos etnométodos humanos adota-se a análise de conteúdo como um recurso metodológico interpretacionista. Em sua Etnopesquisa crítica, Macedo (2006) assevera que esse recurso apresenta-se como um meio para estudar a comunicação entre os atores sociais, enfatizando a análise dos conteúdos das mensagens sem restringir ao discurso, implica um conjunto de recursos metodológicos (conceituação, codificação, categorização) de procedimento interpretativo.

A pesquisa qualitativa baseada na visão interpretativa sob a perspectiva fenomenológico-hermenêutica visa compreender o significado que os

acontecimentos e as interações têm para os atores sociais em situação. Neste paradigma, a análise passa a ser conduzida a partir do ponto de vista do ator da ação, na busca da compreensão de como eles interpretam o ambiente onde atuam, ou seja, buscamos o desvelamento, a compreensão e a interpretação dos fenômenos, procurando analisar profundamente o sentido das ações, discursos, gestos, palavras dos entrevistados.

Do ponto de vista da etnopesquisa, Macedo (2006, p. 145) nos diz que ela “[...] visa descobrir o sentido das mensagens de uma dada situação comunicativa”. Desse modo um objeto de análise de conteúdo é “qualquer realidade em que o conteúdo possa emergir significativamente para a compreensão de uma dada situação, via processos construcionistas de comunicação humana”. Nesse estudo, os objetos de análise de conteúdos são apresentados sob a forma de entrevistas, diário de campo, documentos, fotografias, vídeos.

Segundo a visão macediana (2000, 2006), a análise interpretativa dos dados movimenta-se do início ao fim no sentido de produzir conhecimentos a partir do exame minucioso dos dados e das informações coletados na pesquisa. Este procedimento passa a constituir a primeira etapa do processo de análise e de interpretação. Em seguida, o etnopesquisador questiona a relevância dos dados e das informações coletadas referenciados pelas questões que norteiam a pesquisa e os avalia na sua suficiência e na possibilidade do início da análise e da interpretação final do corpus empírico.

Após o movimento de “saturação dos dados”, ocorre a determinação e seleção das partes da descrição que são significativas e não-significativas com o propósito de distinguir o objeto, os acontecimentos, as pessoas, as ações ou outros aspectos que constituem a experiência. Para isso, utilizamos a técnica da “variação imaginária” que consistiu em refletir sobre as partes da experiência que possuem significados cognitivos, afetivos e conotativos. As asserções significativas resultantes transformam-se em “unidades dos significados” propostas pelos atores sociais que estão descrevendo os fenômenos e utilizando seus etnométodos.

Das expressões transformadas do discurso obtivemos a “síntese das unidades significativas” oriundas das várias fontes de informações e dos vários atores participantes da investigação. Imbuídos de uma “imaginação metodológica”,

reagrupamos os elementos em “noções subsunçoras⁵” (categorias analíticas) que abrigaram os subconjuntos das informações que vão constituir um *corpus* analítico escrito por meio de relações e/ou conexões estabelecidas. Nesse contexto, as unidades de significação tornaram-se categorias a partir de sua freqüência e importância, tornando-se macros conceitos (conceitos subsunçores) que vão ordenar a escrita do trabalho.

Nas interpretações dos dados e das informações, a fala dos atores sociais e os demais recursos constituem-se “recurso de primeira mão” apresentados no corpo do texto analítico e como fonte de uma densa interpretação. Nesse cenário, André (2008, p. 47) “a teoria forneceu suporte às interpretações e às abstrações que vão sendo construídas com base nos dados obtidos e em virtude deles”. Na visão de Macedo (2006, p. 142), isso se configura como conhecimento enriquecido pelo ato reflexivo de questionar na relação dialógica teoria/empíria “que tende a vivificar, a vitalizar o conhecimento”.

Tecendo conclusões sobre a itinerância da etnopesquisa crítica

A itinerância empreendida para compreender a etnopesquisa crítica como caminho (método) epistemológico e metodológico para se fazer uma pesquisa qualitativa possibilitou-nos a edificação/construção de conhecimentos que dizem respeito aos pressupostos relativos a essa abordagem investigativa em que os caminhos da etnometodologia se inter cruzam com os da educação, resultando em etnométodos pedagógicos com a intenção de perceber as interações sociais que se realizam no interior da escola sob ponto de vista dos atores pedagógicos.

Nesse âmbito, os etnométodos da prática educacional passam a ser analisados a partir dos aspectos referentes às formas de organização do trabalho pedagógico, estruturas de poder e de decisões, níveis de participação dos agentes, disponibilidade de recursos humanos e materiais, a rede de relações que se forma e transforma no cotidiano. Integram ainda aqueles que dizem respeito às situações de

⁵De acordo com Santos (2005, p. 153), “noções subsunçoras são categorias analíticas, juntos da análise e interpretação dialógica entre empíria e teoria num processo de aprendizagem significativa”. No contexto da pesquisa acadêmica elas são sempre atualizadas quando o pesquisador acessa uma nova informação seja pelo contato teórico e/ou empírico e sofrem um processo dinâmico e evolutivo ao longo do desenvolvimento investigativo.

ensino na relação professor-aluno-conhecimento⁶ em que são considerados os objetivos e conteúdos do ensino, as atividades, o material didático, a linguagem e outros meios de comunicação entre professor e aluno, bem como as formas de avaliação do processo ensino-aprendizagem.

Além disso, passam também pela dimensão sociopolítica/cultural relacionada à prática pedagógica envolta a uma reflexão sobre o contexto histórico, as forças políticas e sociais, as concepções e os valores presentes na sociedade, num nível de explicação com base nas situações do cotidiano, na relação teoria-prática e, conseqüentemente, na transformação da prática. A partir dessas dimensões podem ser descritos os sistemas de significados culturais dos sujeitos estudados e reconstruídas as ações e interações dos atores sociais sob seu ponto de vista, suas bases epistemológicas e metodológicas.

Nesse contexto, a articulação entre etnografia e educação possibilita um olhar em *locus* da realidade coletiva construída da interação entre os etno/educadores que se institui no cotidiano das ações educativas. No âmbito da etnopesquisa, uma endo-etnografia da prática escolar⁷ que focaliza os processos educativos e utiliza os dispositivos como observação participante, entrevista, documentos e outros para coleta de dados.

Dessa relação, o conteúdo apresentado a partir dos dispositivos utilizados na etnopesquisa, sendo ele verbal e não-verbal, passa por operações cognitivas, submetido às fases: distinção do fenômeno em elementos significativos, exame minucioso destes elementos, codificação dos elementos examinados, reagrupamento dos elementos por noções subsunçoras (categorias analíticas), sistematização textual do conjunto, produção de uma meta-análise ou uma nova interpretação do fenômeno estudado, resultando em um produto de final aberto.

Daí a importância deste estudo quando se percebe que para se chegar a algum lugar compreensivamente é preciso conhecer em profundidade os caminhos (métodos). Assim, os pressupostos macedianos, mapeiam caminhos possíveis de construção para a compreensão de pesquisa de inspiração epistemológica qualitativa em educação, proporcionando aos etno/educadores uma reflexão metodológica ampliada e um exercício epistemológico pertinente e relevante em etnopesquisa crítica.

6 Na investigação realizada professor/a formador/a (multiplicadores) – cursista – conhecimento (prática pedagógica– teorias educacionais – computador).

7 No estudo realizado a prática dos formadores do NTHE.

Referências

AGUIAR, Olivette Rufino Borges Prado. Videoteipe e formação: que relação é esse? In: Loureiro Jr., Eduardo; IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo (Orgs.). **Videoformação, reflexividade crítica e colaboração**: pesquisa e formação de professores. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiane; ESPÓSITO, Vitória Helena Cunha. **A pesquisa qualitativa em educação**: um enfoque fenomenológico. 2. ed. rev. Piracicaba: ed. UNIMEP, 1997.

*BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sári. **Investigação Qualitativa em Educação**: uma Introdução à Teoria e aos Métodos. Porto: Porto Editora, 1994.*

COULON, Alain. **Etnometodologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995a.

_____. **Etnometodologia e Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995b.

LAPASSADE, Georges. **As microssociologias**. Tradução de Lucie Didio. Brasília, DF: Liber, 2005.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana**: danças, piruetas e mascaradas. Autêntica, Belo Horizonte, 2000.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, E. D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 2005.

ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de; VILELA, Rita Amélia Teixeira (Orgs.). **Itinerários de pesquisa**: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação. Rio de Janeiro, RJ: DP & A, 2003.